

Saúde escolhe endemias como prioridade

Zenaide Azeredo

Ao reconhecer que algumas doenças possíveis de ser erradicadas do País estão voltando, porque seus programas de controle e vigilância foram interrompidos, o novo presidente da Fundação Nacional de Saúde (FNS), João Carlos Pinto Dias, disse que terá como prioridade, durante a gestão do ministro Adib Jatene, controlar as endemias, sobretudo a malária e o sarampo.

Ao comentar denúncia publicada no **Jornal de Brasília**, no domingo último, segundo a qual o Brasil tem 16 milhões de doentes de leishmaniose, sarampo, malária, tuberculose, mal de Chagas, esquistossomose e lepra, João Dias negou que isso signifique o fracasso do sistema de saúde do Governo. "Erradicamos a poliomielite e a varíola. A vacinação contra o sarampo, a partir de 25 de abril, é uma campanha prioritária, pois, atingindo 50 milhões de crianças e jovens, pode cobrir 95% do total".

Entretanto, com relação a outros males enumerados na matéria do **JBr**, o novo presidente da FNS concordou que, realmente, o crescimento do número de casos decorre do que ele denomina de "cochilo sanitário". A leishmaniose, por exemplo, está aumentando porque seus programas de controle, envolvendo fumigação e pesquisa em

Cólera veio para ficar

A cólera, doença medieval que nos últimos dois anos matou mais de 50 pessoas no Brasil, permanecerá endêmica por mais dez ou 15 anos. A avaliação é do novo presidente da Fundação Nacional de Saúde, João Carlos Pinto Dias, para quem a doença "veio até com uma intensidade menor que a prevista".

No cargo há menos de um mês, o novo presidente da FNS, ao avaliar a situação da cólera no País, atribuiu seu recrudescimento, sobretudo no Nordeste, às maiores concentrações populacionais e a problemas de saneamento básico. No Norte, a seu ver, a cólera já pode ser considerada sob controle, especialmente no Estado do Pará, e com menores condições de expansão no Estado do Amazonas.

Apesar desse diagnóstico otimista, João Dias acionou um plano de emergência para debelar a entrada da cólera na Amazônia, ameaçada novamente por novo

surto oriundo do Peru. As informações chegadas à FNS revelam a existência de 60 mil novos casos na região de Iquitos, na fronteira próxima a Tabatinga, no Alto Solimões (AM).

Para impedir o reingresso da cólera no Brasil via fronteira com o Peru, o Ministério da Saúde está aumentando a vigilância na área e enviando mais medicamentos, sobretudo soro.

De qualquer forma, como se trata de uma doença que pode ser combatida principalmente com saneamento básico, um dos maiores problemas do País, a perspectiva é de que ela permaneça por mais dez ou 15 anos, sob forma de endemia (diferente de epidemia). O Ministério da Saúde deve continuar fazendo a prevenção em nível de morbidade, pois a doença já atacou cerca de três mil brasileiros, nos últimos dois anos, mas vitimou pouco mais de 50, segundo dados oficiais do ministério.

a maioria na Amazônia.

Carro-chefe

A esquistossomose passa por processo semelhante. Embora ataque cerca de cinco milhões de pessoas — e estudos do ministério

apontam para a possibilidade de outros 36 milhões de pessoas serem atingidas —, programas de controle estão parados segundo admitiu João Carlos.

A malária, "carro-chefe" das endemias a serem atacadas, encontra-se, segundo ele, "mais ou menos" sob controle. Porém, a se tomar por verdadeiros os dados veiculados pelo Ministério da Saúde, houve um aumento de 100 mil casos de 1987 para cá. No ano passado, houve registro de 600 mil casos.

Existe a preocupação da Fundação com o alastramento da doença, tanto que já está marcada uma reunião de seu presidente com os governadores dos estados da Região Norte, no próximo dia 23 de abril, para que sejam revisados os atuais programas de controle.

João Carlos admite que o desvio das atenções para o combate ao mosquito da dengue acabou prejudicando os demais sistemas de controle epidemiológico.

Também a filariose, o tracoma e a peste bubônica, que aparecem apenas em determinadas regiões, serão alvo de programas específicos. João Carlos Pinto Dias, um especialista em doença de Chagas, classificou ainda os atuais programas de combate ao mal de "exitosos" e prometeu que, durante sua gestão, a Fundação Nacional de Saúde voltará a atacar a causa da doença — o barbeiro.